REVISTA DA FUNDARTE
EDITORA da FUNDARTE
Ano 15 – Número 29 – Janeiro/Junho 2015

Da reconfiguração do espaço expositivo para um caminho poético

Lucas Pacheco Brum
Universidade de Brasília – UNB

Resumo: Este trabalho apresenta parte do resultado da minha pesquisa poética relizada para o Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como objetivo a reconfiguração do espaço arquitetônico (original) da galeria de arte Loide Schwambach da FUNDARTE, passando por questões de arquitetura e tridimensionalidade. A partir disso, lida com a questão da adequação do espaço da exposição àquilo que é exposto e à forma como o corpo do público age de maneira distinta a partir da alteração do próprio espaço e, ainda, como expor trabalhos bidimensionais a partir das alterações que proponho a um espaço por excelência tridimensional. Para que o espaço seja reconfigurado, o corpo do visitante tenha um deslocamento/locomoção diferente do espaço original e o ângulo de visão seja alterado ao olhar os trabalhos bidimensionais expostos, crio elementos arquitetônicos que partem da própria estrutura da galeria e se estendem pelo espaço, mudando suas características primárias e não sua funcionalidade.

Palavras-chave: Reconfiguração do espaço expositivo; a carta; bidimensionalidade.

Abstract: This present paper represents part of the result of my poetic research made as the conclusion of my graduation course in which has the aim to reset the original architectural space of the art gallery Loide Schwambach from Fundarte, which is going through an architectural and three-dimensionality issue. From this point on, the gallery deals with the exhibition space adequacy, what is exposed and how differently the public body respond to the modification of their own body, and still, shows how to exhibit two-dimensional works from the changes I propose in an excellent three-dimensional space. Wherefore to reset the space, the visitor's body has a different displacement from the original, and the vision angle would be changed by looking at the two-dimensional work, I cried an architectural element, which comes from the gallery structure itself and extends the space modifying their primary characteristics and not its functionality.

Keywords: Rest of the exhibition space; the letter; two-dimensionality.

q u e s t õ e s - p r o b l e m a

A presente investigação em arte é um resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso[1]. O trabalho originou-se procurando empreender uma pesquisa que lidasse com as dificuldades com o bidimensional[2], que tive durante a minha graduação, com a relação entre o compartilhamento, espaço e corpo. A proposta do trabalho foi a realização de um *site-specific* para a galeria de arte Loide Schwambach da Fundação Municipal de Artes de Montenegro – FUNDARTE que reconfigurasse o espaço

[1] Monografia apresentada como exigência para a conclusão do curso de Graduação em Artes Visuais: Licenciatura Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.
[2] Trato aqui a bidimensionalidade como questão- problema por não conseguir, durante o curso, dominar linguagens como: pintura, desenho e gravura.

expositivo da galeria a partir de sua estrutura arquitetônica, partindo de características de sua arquitetura que sugerem ou estão associadas ao plano bidimensional e passam, no meu trabalho, a se constituir como planos bidimensionais que se deslocam, ou quase tocam a tridimensionalidade, ganhando sentido com a trajetória desenvolvida por mim, no curso.

A reconfiguração do espaço da galeria de arte deu-se com elementos arquitetônicos[3] que partiam da sua própria estrutura arquitetônica, baseada no modelo canônico do cubo branco[4]. Outra etapa deste trabalho foi partir da nova arquitetura e propor uma exposição que já esteve nesse espaço com a arquitetura original. Mas, agora, essa exposição foi exibida a partir dos elementos arquitetônicos que criei, possibilitando assim novos desafios para o público, tais como: locomover-se dentro do espaço, distinguir a arquitetura original, desenvolver uma leitura sobre os trabalhos expostos, observar a disposição do corpo a patir dos elementos no espaço e com os trabalhos exibidos.

Partindo desses pressupostos e das minhas inquietações com a galeria Schwambach, surgiu esta pesquisa, que salienta os seguintes questionamentos: como reconfigurar o espaço da galeria Loide Schwambach a partir de sua estrutura arquitetônica? Como o corpo do público se desloca/locomove dentro desse novo espaço arquitetônico? A partir dos elementos arquitetônicos criados e de alguns trabalhos que formavam a exposição *"A Carta"*[5], quais as possíveis relações nessa nova arquitetura? Quais são as possibilidades do corpo do público andar e se locomover para apreciar esses trabalhos agora que, ao invés de seguir a ordem estabelecida pelo cubo branco, ele se apresentará de maneiras diversas daquelas em que a exposição foi exibida pela primeira vez? O que muda em relação ao espaço da galeria e os trabalhos apresentados?

[3] Elementos arquitetônicos é nome das peças que criei para o meu projeto.
[4] Termo usado por Brian O' Doherty em seu livro "**No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte"**, 2002, originalmente publicado em 1976**.**
[5] Exposição coletiva de Michele Martines e Patriciane Born, realizada de 07 a 31 de outubro de 2014 na galeria de arte Loide Schwambach, na Fundação Municipal de Artes de Montenegro – FUNDARTE. Os trabalhos da exposição que usei no meu projeto são apenas trabalhos bidimensionais por ser uma das questões que me propus a discutir.

Toda a estrutura da galeria foi reconfigurada com elementos que saem das paredes, do chão e do pilar. Não são elementos soltos no espaço e sim elementos que partem da própria estrutura arquitetônica da galeria para reconfigurá-la. Pretendi, com isso, atingir alguns objetivos desta investigação que eram: reconfigurar o espaço original da galeria Loide Schwambach passando por questões de arquitetura e tridimensionalidade e a partir disso lidar com a questão da adequação do espaço de exposição àquilo que é exposto e à forma como o corpo do público age de maneira distinta a partir da alteração do próprio espaço e, ainda, como expor trabalhos bidimensionais a partir das alterações que proponho a um espaço por excelência tridimensional.

O trabalho foi realizado com estruturas de madeira em formas dispostas a partir da própria arquitetura da galeria. Dessa forma, intencionei mexer na sua estrutura - paredes, teto, pilar - aumentando-a, diminuindo-a e reconfigurando-a. Em um ponto da galeria coloquei uma parede atravessada que repartiu o espaço ao meio, fazendo com que o espectador tivesse que se abaixar e cruzar por uma pequena porta que criei nesta parede. A porta original de entrada principal não é uma das partes que foram problematizadas no meu trabalho, pois, neste caso, ela não tem nenhuma influência sobre as alterações que proponho.

Entre os temas específicos que residem na minha proposta, está a forma como o público interage a todo o momento com a nova estrutura arquitetônica da galeria. Interessava-me por saber como o espaço reconfigurado proporcionaria outras possibilidades de interação entre os trabalhos expostos na nova arquitetura e o público (figura I).

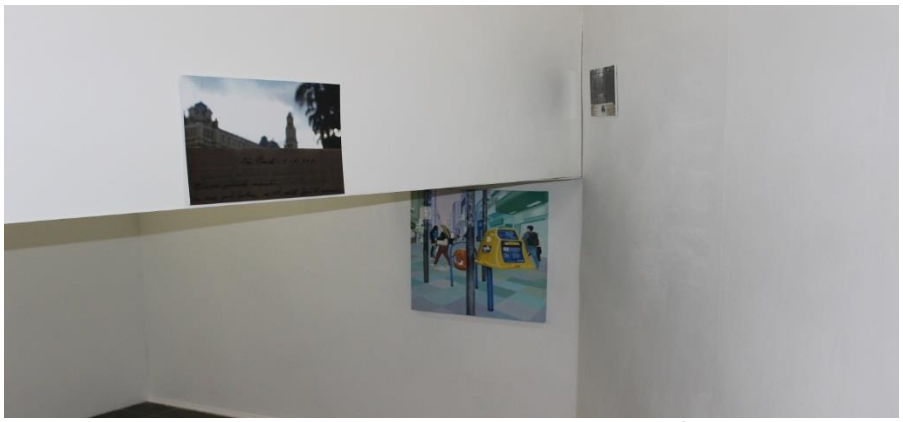

Figura I: **Fragmento dos elementos arquitetônicos.**

A possibilidade de interação no trabalho tornou-se visível no deslocamento que o visitante teve que fazer para poder mover-se (abaixar-se, subir escada, andar de lado, etc.) a partir dos elementos arquitetônicos e da exposição. Nesse sentido, pretendi jogar com outras proposições para a presença do corpo do público dentro do espaço expositivo, que são trabalhos da exposição "*A Carta*". Havia também uma frequência e recorrência de um mesmo público na galeria. No instante em que esses indivíduos reencontraram a exposição reconstruída junto com o novo espaço, eles perceberam uma nova parede que dividia a galeria ao meio e criava uma nova e (pequena) porta de acesso, degraus no meio da sala, o teto rebaixado e outras partes que saíam da estrutura da galeria, além de trabalhos bidimensionais expostos nessa nova estrutura que mudava o ângulo de visão dos visitantes ao olhar os trabalhos que eram expostos inclinados, na diagonal, etc. Sendo assim, o corpo do público era desafiado a locomover-se para entrar em contato visual com os trabalhos expostos na galeria reconfigurada (figura II).

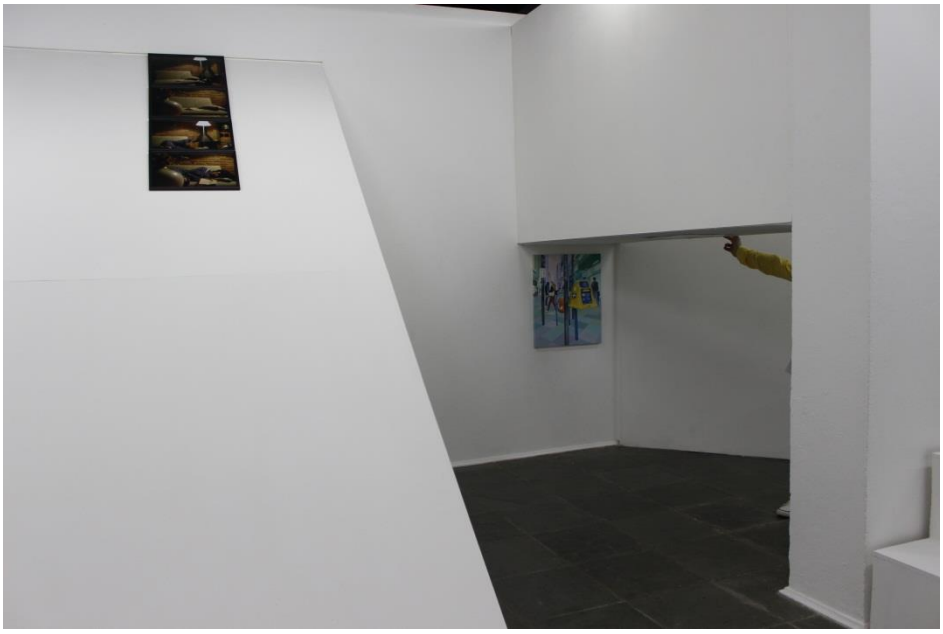

Figura II: **Fragmento dos elementos arquitetônicos.**

.

m e i o s d e r e p r e s e n t a ç ã o / p r o c e s s o / g a l e r i a d e a r t e L o i d e S c h w a m b a c h

No meu projeto realizado para a galeria de arte Loide Schwambach, da Fundação Municipal de Artes de Montenegro – FUNDARTE, utilizei os seguintes meios de representação: maquetes e um software chamado *promob*, além de desenhos, esboços que também constituíram o meu trabalho[6]. Essas representações, principalmente as duas primeiras escolhas do projeto, foram para mim as que mais me ajudaram a perceber os detalhes minuciosos durante o processo de produção do trabalho.

A prática projetual nesse sentido "é inventar artefatos, isto é, objetos que sejam concretizados em um meio físico: documental, edificado ou ambos" (OLIVEIRA; RECENA, 2012, p.34). A escolha do modelo de representação do objeto projetado - como croquis, desenhos, esboços, softwares especializados, fotografias, montagens em computadores e maquete - ajudou a perceber as particularidades da obra e do processo, além de terem sido ferramentas facilitadoras para medir, analisar, conhecer e interpretar o espaço do trabalho, possibilitando a percepção dos materiais dispostos no ambiente, conforme o planejamento do trabalho.

A primeira representação em 3D foi a maquete. Realizei-a em papelão de uma gramatura espessa, usei as medidas exatas que coletei da galeria, local onde foi executado o trabalho. Essa primeira experimentação começou a dar vida ao meu trajeto, pois consegui sair do desenho e perceber o trabalho em todas as dimensões, além de permitir visualizar lugares específicos do trabalho.

As imagens abaixo mostram a planta baixa do espaço da galeria (figura III); a partir dela foram realizados os primeiros esboços, desenhos e escritos. Esta primeira fase de desenhos e esboços foi realizada dentro da galeria, juntamente com as medidas exatas da planta baixa e a partir dela foram dando-me novas medidas pensando na construção do trabalho, o que depois facilitou a construção da maquete e das imagens em 3D[7] (figuras IV, V e VI).

[6] Todas as representações espaciais como: esboços, desenhos e softwares especializados em desenhos usados no meu projeto não foram realizados por mim, por eu não dominar o desenho.
[7] As imagens realizadas em 3D foram criadas num software chamado *promob.*

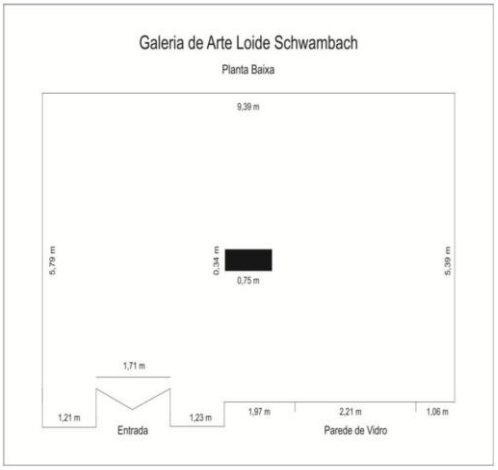

Figura III: **Imagem da planta baixa da galeria Loide Schwambach.**

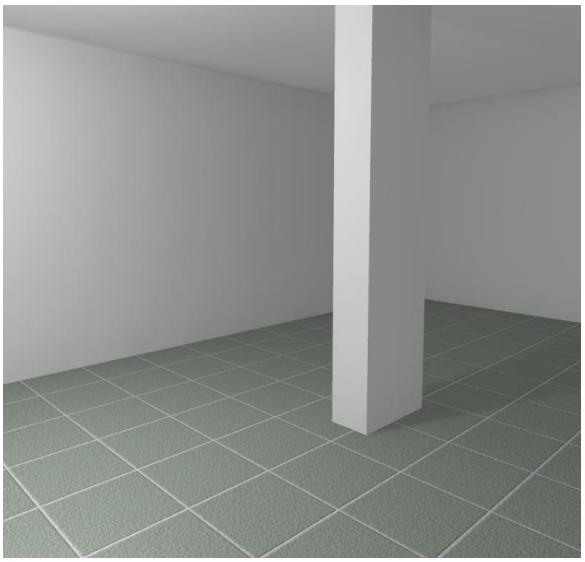

Figura V: **Imagem da parte do fundo da galeria.**



Figura IV: **Imagem do lado direito da galeria em direção à porta de entrada.**

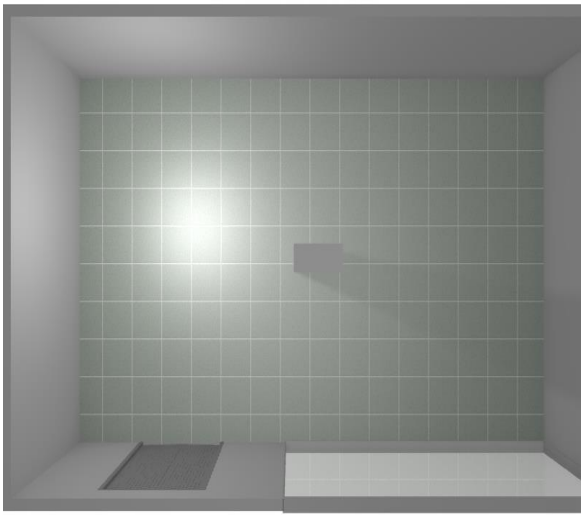

Figura VI: **Imagem de cima para baixo da galeria**.

O processo de desenvolver em software um desenho em 3D a partir das medidas da planta baixa permitiu que eu tivesse uma outra percepção espacial de todas as dimensões do lugar, possibilitando um planejamento com as medidas exatas para a construção do meu projeto. No programa, foram digitadas as medidas da planta baixa e, a partir destas, o programa fez um cálculo das medidas que digitei (aumentando e diminuindo), o que me proporcionou elaborar as dimensões para cada

um dos elementos. Nesse sentido, considero que as imagens em 3D ampliam a percepção para as minúcias do trabalho e do processo.

Assim, tanto o projeto quanto o trabalho andam paralelamente. Outro recurso usado para a representação no meu projeto é a maquete, como escrito anteriormente (figura VII).

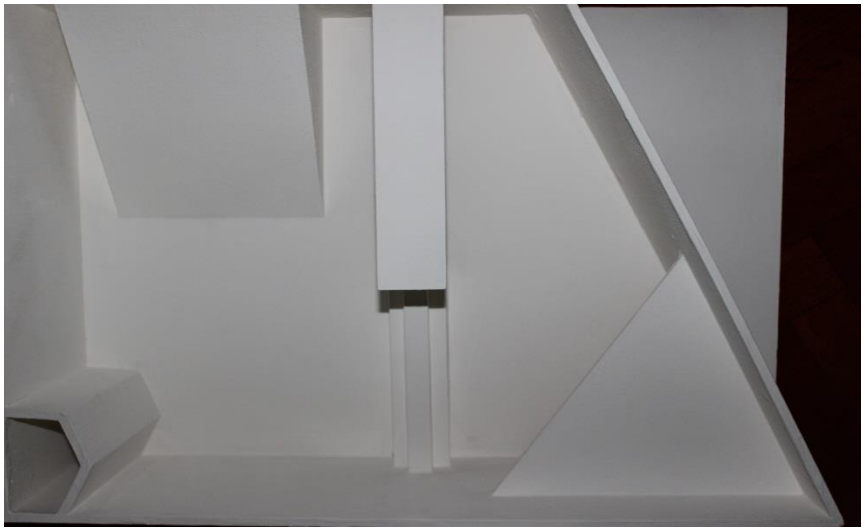

Figura VII: **Projeção realizada da galeria realizada através de maquete.**

A escolha deste meio se deu para tornar palpável o projeto, ampliando a compreensão do trabalho executado. Existem diferenças em representações bidimensionais e tridimensionais; por mais que os desenhos 3D sejam eficazes para perceber todo o projeto, ele continua sendo bidimensional, por isso escolhi a maquete também. Esses dois meios de representação tornaram-se ativos durante o desenvolvimento do meu processo de criação. Oliveira e Recena corroboram sobre os meios de representação:

> Os “meios” não são apenas registro mecânico de acúmulo de operações, como se o projeto surgisse da manipulação abstrata de dados previamente ordenados pela aplicação de uma “metodologia” empirista, veiculando instruções para a execução da obra. (OLIVEIRA; RECENA, 2012, p.37/38).

Compreendo que meios de representação não são apenas abstratos, mas integrantes ativos do processo e da construção do trabalho. Seus meios residem na utilização do tempo. Acrescentando ainda que desenhos, rascunhos e anotações também fizeram parte do meu projeto.

Após a realização da maquete e das imagens em 3D e a partir da planta baixa da galeria, passei a construir os elementos constituintes do meu trabalho em 3D, (figura VIII, IX e VX), agora com todas as medidas de cada um e com todos os acabamentos necessários. Nesta etapa do projeto, levei em consideração a maquete e as imagens em 3D do espaço expositivo para a disposição dos elementos arquitetônicos na galeria. As imagens abaixo mostram fragmentos dos elementos realizados em 3D.

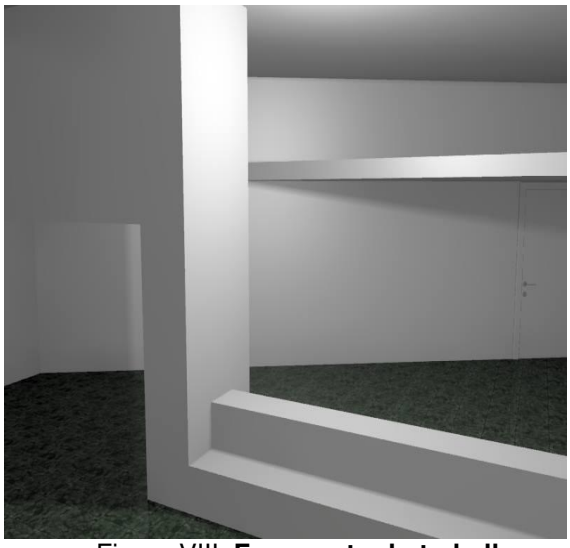

Figura VIII: **Fragmento do trabalho em 3D.**

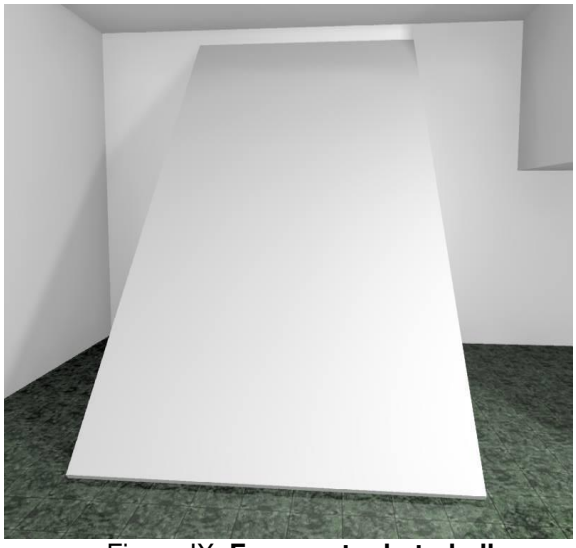

Figura IX: **Fragmento do trabalho em 3D, elemento E.**

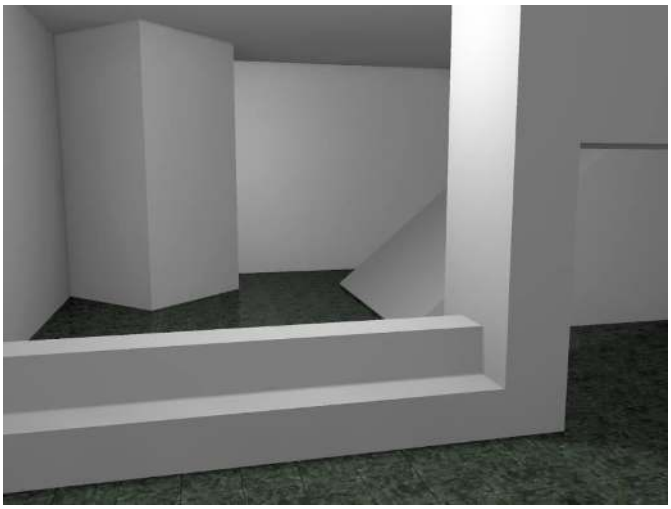

Figura X: **Fragmento do trabalho, elementos D e F.**

A segunda etapa do projeto, depois de decididos os meios de representação e o que seria feito, foi a execução no espaço da galeria. Nesta fase, os meios de representação foram levados para um grupo de conhecidos e colaboradores que me auxiliaram na construção do trabalho; os elementos foram divididos por partes, cada parte é referente a uma letra (A, B, C, D, E, F). A escolha por dividir o trabalho em letras foi para melhor organização entre mim e o grupo de colaboradores.

O projeto apresenta seis elementos produzidos especificamente para esse lugar. São peças que partem da arquitetura da galeria e que se estendem pelo espaço, criando novas relações de estar e se locomover dentro dela e com possibilidades de relações com trabalhos expostos a partir dos elementos arquitetônicos criados. O corpo do público, quando esteve dentro da galeria, teve que se adaptar, achando possiblidades de locomoção e interação com essa nova arquitetura e com os trabalhos da exposição "*A Carta*" exposta nos elementos arquitetônicos.

Um dos elementos é uma parede (elemento B), que se encontrava localizada na diagonal da galeria. Nesta parede realizei uma pequena porta com medidas de aproximadamente 1m x 25 cm. No meu trabalho, esta foi a única porta que criei que dá acesso à exposição. Uma porta nos padrões normais da arquitetura tem 2,10 cm x 80 cm, correspondendo aos padrões de altura para todos os sujeitos poderem adentrá-la. Esta medida corresponde à porta de uma casa normal, o que não faz deixar de existirem tamanhos de portas com diferentes medidas. No meu trabalho, o corpo (do público) foi provocado a partir da porta de acesso a desenvolver um deslocamento no espaço da galeria diferente do que no espaço original.

A criação desta porta com pequenas medidas foi realizada propositadamente para que despertasse no público uma curiosidade/interesse em conhecer esse novo lugar, desafiando os visitantes a interagir com os elementos dispostos que partem da arquitetura, possibilitando novas maneiras de estar no espaço da galeria a partir de uma nova exigência física.

Para que o visitante tivesse acesso à reconfiguração do espaço, ele teve que se abaixar e andar alguns metros abaixado, porque criei um teto rebaixado na altura da porta. Assim, ao entrar, o público foi levado a participar dos elementos arquitetônicos e da exposição a partir de seu deslocamento.

Nesse sentido, a vitrine[8] que há na frente da galeria Loide Schwambach, local por onde passamos e sempre olhamos para dentro para ver o que está sendo exposto, também foi mexida propositalmente. A vitrine, em meu trabalho, não tem função nenhuma. Sua função, na maioria das vezes, quando a galeria tem exposições, é fazer com que o público que circula do lado de fora possa olhar a exposição que está sendo exibida. Assim, o que o público vê do lado de fora é uma rampa, do lado avesso.

Este elemento (E), a rampa, foi a peça que mais ocupou espaço na galeria, pois media 2, 20 cm x 2, 21 cm. Ao olhá-la de dentro, ela lembrava uma rampa de "*skate"*, um escorregador, uma subida, até mesmo uma das faces de uma pirâmide. Suas extremidades, que saíam das paredes e se prolongavam até chegar ao chão da galeria, provocavam no público a ideia de interação em tentar subir, escalar ou inclinar o corpo na diagonal sobre a rampa, o que fez desses elementos dispositivos de interação com o corpo do espectador.

da BIDIMENSIONALIDADE ao DJ

A ideia de convidar as artistas a participarem com seus trabalhos da exposição "*A Carta*" e voltarem para o mesmo local surgiu durante meu processo de criação, quando analisava e refletia sobre os elementos arquitetônicos que criei. Percebi que minhas questões quanto à bidimensionalidade se faziam presentes nos elementos. Para resolver a questão, convidei as artistas Patriciane Born e Michele Martines a me cederem seus trabalhos, que fazem parte da exposição "*A Carta*". As artistas aceitaram colaborar com a minha pesquisa. A escolha de convidar estas artistas com esta exposição e não outra e participarem do meu projeto aconteceu através da relação de amizade que tenho com elas e pelo fácil acesso que tinha a esta exposição. A negociação dos trabalhos que fariam parte do meu projeto ficou sob minha responsabilidade. As artistas me emprestaram todos os trabalhos da exposição e eu montei a expografia do meu projeto a partir dos trabalhos de "*A Carta".* Na organização da expografia dos trabalhos, escolhi apenas os trabalhos bidimensionais que

[8] "Vitrine" é um nome que dei para um vidro que separa o lado interno e externo da galeria, que se parece com uma vitrine de loja.

demosntrassem movimento na sua composição, por exemplo, pessoas caminhando nas ruas.

A exposição das artistas foi realizada em outubro de 2014, nas dependências do mesmo local em que meu projeto foi desenvolvido. A partir dessa exposição, pedi a elas que me cedessem os seus trabalhos para expor novamente na galeria Loide, mas, dessa vez, a partir dos meus elementos arquitetônicos.

O que criei são elementos arquitetônicos que fazem parte de um espaço expositivo, sendo assim, os elementos são para exposições. Mas o que diferencia esse local dos demais locais de exposição é que no meu projeto a parede, a rampa, os degraus e os outros elementos são o próprio trabalho, não somente os trabalhos sobre as paredes.

Portanto, até aqui eu negava a bidimensionalidade, mas a maneira que achei de superar a minha negação foi assumir exatamente a minha "negação da bidimensionalidade", pois esta questão se tornou parte da minha pesquisa. Quando eu assumo este conceito, proponho expor trabalhos bidimensionais em uma arquitetura tridimensional criada por mim. Tanto os elementos arquitetônicos como os trabalhos expostos se inter-relacionam, pois ambos são o trabalho. Percebo os meus elementos esticados, puxados; é como se eu pegasse um pano maleável e esticasse somente o meio do pano e suas pontas ficassem presas na parede. Isso é o que acontece com os elementos, que partem da estrutura arquitetônica da galeria e se estendem pelo espaço tocando a tridimensionalidade e a partir dos quais há trabalhos expostos. Chega a ser até uma ironia quando trago para esta investigação um problema, a (bidimensionalidade), criando formas que tocam a tridimensionalidade e que também não deixam de ser tridimensionais e depois exponho nelas aquilo que neguei durante minha trajetória acadêmica - o suporte bidimensional.

Tanto os trabalhos expostos como os elementos arquitetônicos mudaram a disposição desse espaço e a relação com o público, pois se fundiram através do que era disposto e percebido. Esse local, que recebeu os trabalhos artísticos que já estiveram ali, me colocou em dois papéis: o do artista (produtor) e do curador (montador da expografia) da exposição. Colocar-me nestes dois papéis, o de quem cria o trabalho e o que monta uma exposição que não é minha, me fez pensar nos

papéis desses profissionais no sistema da arte e como eles se definem ou se agrupam na realização das tarefas. Na pós-produção, essa miscigenação de papéis na arte contemporânea Nicolas Bourriaud (2009) chama de DJ.

Além do DJ na pós-produção, aparece também a função do internauta e do artista que supõem, segundo Bourriaud (2009), uma mesma figura, que se caracteriza pela invenção de itinerários por entre a cultura. Os três sujeitos produzem e criam percursos originais entre os signos, "toda obra resulta de um enredo que o artista projeta sobre a cultura, considerando como o quadro de uma narrativa – que, por sua vez, projeta novos enredos possíveis num movimento sem fim" (BOURRIAUD, 2009, p. 14/15). Nesse sentido, o autor corrobora que o

> [...] trabalho do DJ consiste na concepção de um encadeamento em que as obras deslizam umas sobre as outras, representando ao mesmo tempo um produto, um instrumento e um suporte. Um produtor é um simples emissor para o produtor seguinte, e agora todo artista se move numa rede de formas contíguas e se encaixam ao infinito. (BOURRIAUD, 2009, p. 41/42).

No emaranhamento de papéis, O DJ atua como sujeito/artista/curador a partir de coisas já preexistentes, ou seja, um misturador autoral de materiais. O DJ se apropria de coisas já fabricadas ou já vividas, para torná-las de sua própria autoria, mas ele não nega a autoria original dos fabricantes; "o desvio de obras é comum hoje em dia, mas os artistas recorrem a ele não para "desvalorizar a obra de arte", e sim para utilizá-la". (BOURRIAUD, 2009, p. 38). Na área da música chamamos de mixagem, com acréscimos sonoros. É o que faço no meu projeto quando as artistas me concedem seus trabalhos para expor no meu. Dentro do meu projeto realizei estas duas funções, a de artista e de curador no meu próprio trabalho; portanto, também assumo o papel de DJ, cuja função é:

> [...] em reutilização de elementos artísticos preexistentes em uma nova realidade é uma das ferramentas que contribuem para a superação da atividade artística, dessa arte "separada" executada por produtores especializados. (BOURRIAUD, 2009, p. 36).

Assim, os trabalhos artísticos (cultura da atividade da obra) na pós-produção funcionam como o término provisório de uma rede de elementos interconectados que reinterpretam e criam com as narrativas anteriores. A partir desse pressuposto, compartilho a ideia do autor de que a pergunta artística na pós-produção não é mais:

"o que fazer de novidade?" e sim: "o que fazer com isso?" (BOURRIAUD, 2009, p. 13). Sobre essa questão, o autor corrobora:

> A obra de arte contemporânea não se coloca como término do "processo criativo" (um "produto acabado" pronto para ser contemplado), mas como um local de manobras, um portal, um gerador de atividades. Bricolam-se os produtos, navega-se em redes de signos, inserem-se suas formas em linhas existentes. (BOURRIAUD, 2009, p. 16).

Partindo da minha função de DJ (artista, curador e internauta), os trabalhos exibidos nos elementos arquitetônicos alteram a percepção do público sobre o que está exposto, pois, no momento em que exponho um trabalho numa rampa ou no teto de uma exposição, eu mexo com as regras canônicas de estar presente frente a um trabalho. É o que acontece na reconfiguração do meu projeto a partir da expografia e dos elementos arquitetônicos. O público, ao desenvolver uma leitura sobre os trabalhos, tem que se curvar, aproximar, abaixar, olhar para cima, ficar de cócoras; isso é provocado pelos elementos arquitetônicos dispostos e pela expografia na organização dos trabalhos que foi realizada prepositivamente. As imagens (figuras XI, XII e XIII) da exposição "*A Carta",* realizada pela primeira vez. Alguns desses trabalhos fazem parte do meu projeto; para compor minha exposição, escolhi apenas os trabalhos bidimensionais.

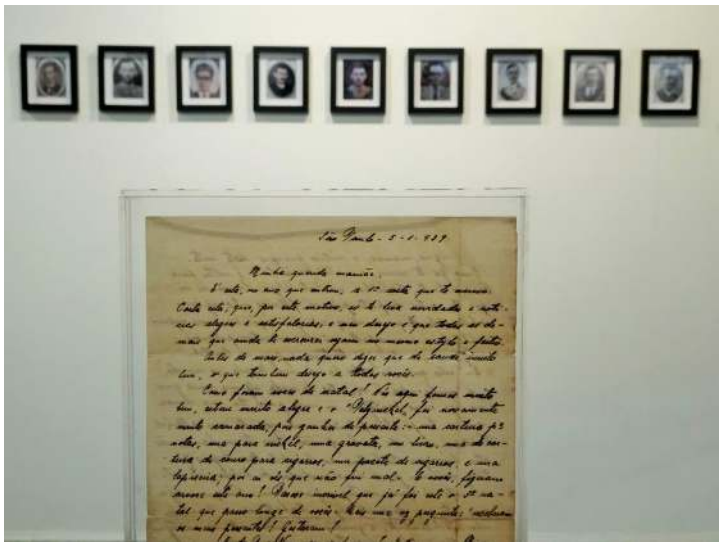

Figura XI: **Fragmento da exposição "*A Carta*", de 2014, das artistas Patriciane Born e Michele Martines.**



Figura XII: **Fragmento da exposição "*A Carta*", de 2014, das artistas Patriciane Born e Michele Martines.**

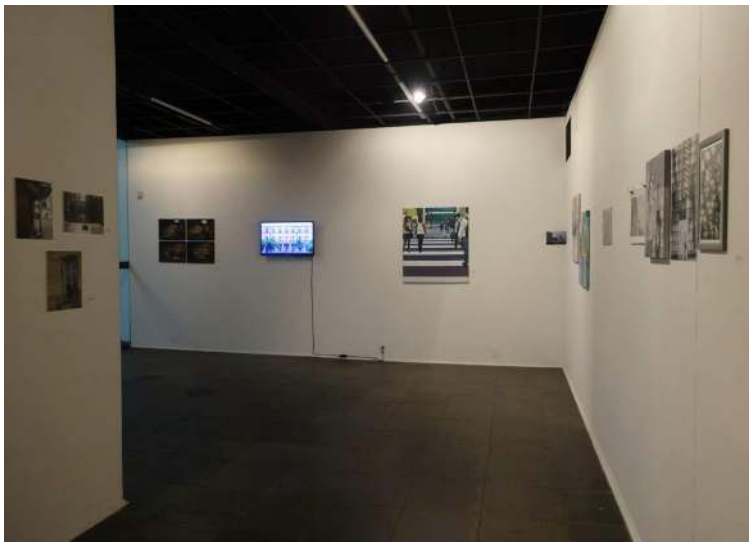

Figura XIII: **Fragmento da exposição "*A Carta*", de 2014, das artistas Patriciane Born e Michele Martines.**

os elementos arquitetônicos

Durante o meu processo, busquei na arquitetura palavras-conceito para cada um dos meus elementos; após esta busca, descrevi o que é cada um destes elementos e relacionei com objetos, imagens, palavras ou coisas com que se pareça ou a que remete.

e l e m e n t o (a)

O elemento **A,** o **"teto"**, na arquitetura entendido como telhado. "A face inferior, que olha para baixo dos forros dos compartimentos, delimitando superiormente o espaço de abrigo". (CORONA e LEMOS, 1972, p. 451).

Pode ser também: cobertura, face superior, estrutura arquitetônica, telhado, abrigo, capa, cobertura, capote, proteção, refúgio, telhado, revestimento, resguardo, habitat, moradia, união, extensão, habitação, residência, abóbada, edificação e moradia.

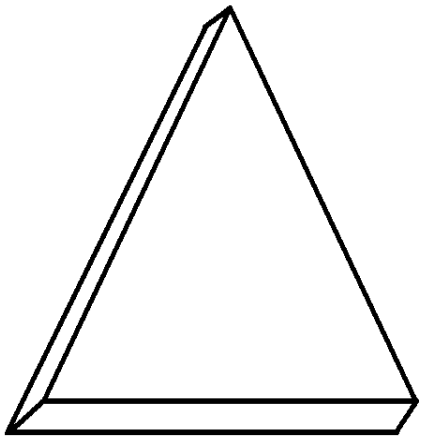

Figura XIV: **t e t o**

Em meu trabalho, este elemento (que se parece com uma forma triangular) é uma ligação entre duas paredes, abrigando o corpo do público quando ele tem acesso à porta de entrada da nova arquitetura. O corpo do visitante dentro deste teto sente-se desconfortável pelo fato de ter que ficar abaixado, assim cria tensões em se abaixar para poder estar dentro deste espaço, diferentemente dos tetos normais, em que ficamos em pé sem a provocação de nenhuma tensão. Imagino que estar neste elemento faz com que o espectador ali permaneça pouco tempo, pelo desconforto em ficar abaixado.

e l e m e n t o (b)

O elemento **B**, a **"parede**", na arquitetura é entendida como:

> […] elemento de fecho, vedação ou seleção de ambientes, geralmente construídos de tijolos ou blocos de materiais variados tais, como: placas

> rígidas de madeira ou gesso acartonado. Sua espessura é determinada pela função que desempenham os diversos usos e ambientes que se destina. (CORONA e LEMOS, 1972, p. 359).

Pode ser também: separação do meio externo do interno, divisória, estrutura de uma casa, elemento de sustentação de uma habitação, muro, proteção, vedação, cerca, tapume e marcação de território.

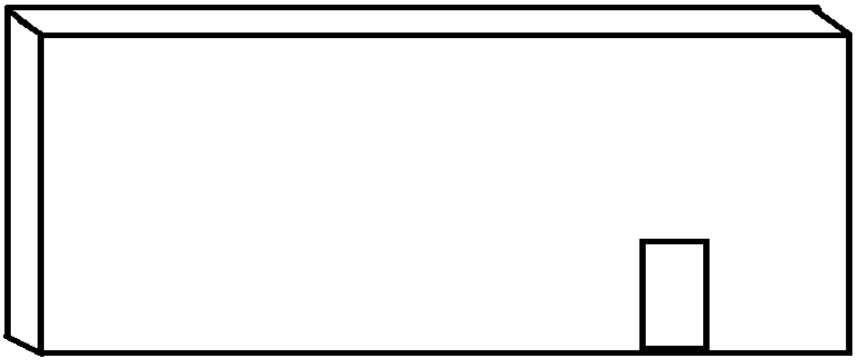

Figura XV: **p a r e d e**

Para mim, este elemento arquitetônico é uma parede que reparte a galeria na diagonal, que separa o lado interno e o lado externo. O lado externo, que na arquitetura primária faz parte da galeria, no meu projeto não faz. A partir desta delimitação, o que está de fora não pode ser visto de dentro, ao contrário da arquitetura original. Do lado de dentro a parede é suporte para uma porta, é um teto rebaixado (elemento A), mas a parede vai do chão até o teto original; assim, do lado de dentro conseguimos ver a parte superior do teto que criei.

e l e m e n t o (c)

O elemento **C**, o **"pilar rebaixado"**; na arquitetura, o pilar é entendido como um:

> [...] elemento estrutural, que trabalha a compressão. Quando sua secção é circular recebe o nome de coluna. Daí, no linguajar comum, chamar-se de pilar unicamente o elemento sustentante de secção quadrada ou poligonal. (CORONA e LEMOS, 1972, p. 373).

Pode ser também: estrutura, poste, sustentação, coluna, amparo, apoio, estaca, sustentáculo, pilastra, base, eixo, suporte, protetor, viga, alicerce, esteio, reforço e rigidez.

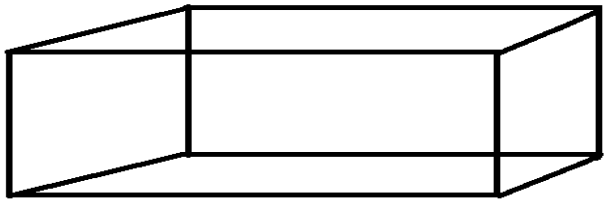

Figura XVI: **p i l a r r e b a i x a d o**

Neste trabalho, o pilar rebaixado é uma sequência da coluna original que desce até a metade, juntamente com a parede à frente. Como o pilar é rebaixado, imagino que o público, ao passar para o outro lado, tem que se abaixar, provocando uma sensação de desconforto. Com trabalhos expostos na parte inferior do pilar, o visitante tem que ficar de cócoras olhando para cima. Assim, muda a relação em que o corpo olha para o trabalho exposto e os diferentes ângulos como o corpo se posiciona em frente aos trabalhos, a percepção que o espectador desenvolve sobre um trabalho que está acima dele.

e l e m e n t o (d)

O elemento **D**, o **"degrau"**; temos na arquitetura a escada, entendida como

> elemento formado por duas superfícies em desnível, em geral paralelas, que permite a passagem entre níveis diferentes. Nas escadas, cada um dos pisos onde se assenta o pé para subir ou descer. Chama-se de degrau direto aquele que tem a figura de um retângulo. (CORONA e LEMOS, 1972, p. 165).

Pode ser também: cada uma das partes da escada, plataforma, topo, escada, ponto alto, ponto baixo, ponto sucessivo de uma série de níveis, acesso, o que é pisada, subida, descida e distância.

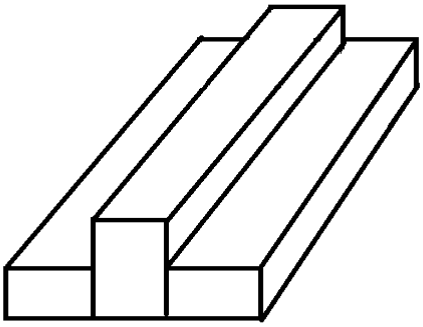

Figura XVII: **d e g r a u**

Este elemento arquitetônico, em meu trabalho, é um acesso para o outro lado da galeria; para o público poder passar para o outro lado, ele tem que subir e descer dois graus. No momento em que o espectador está em cima do degrau ele tem acesso para olhar o que está em cima do teto no (elemento A). Imagino que isso muda o ângulo de visão, possibilitando aos visitantes olharem para cima estando em pé no degrau, sendo provocados a equilibrarem o seu corpo. Este elemento foi colocado propositadamente neste espaço da galeria tirando a funcionalidade do piso reto e linear, o que não existe, na maioria das vezes, nas salas de exposições. Assim, o visitante é convidado a passar para o outro ambiente da galeria subindo degraus ou passando pelo pilar rebaixado (elemento C) abaixando-se.

e l e m e n t o (e)

O elemento **E**, a **"rampa"**; na arquitetura, a rampa é "um membro arquitetônico que apresenta uma inclinação, superfície que constitui dentro ou fora dos edifícios" (CORONA e LEMOS, 1972, p. 402).

Pode ser também: ligação de um local ao outro, acesso, subida, altura, declive, aclive, ladeira, lomba, caída, inclinação, declividade, lacuna, desvio, barreira, descida, base, escorregador, tobogã, desequilíbrio e rampa de pista de "*skate*".

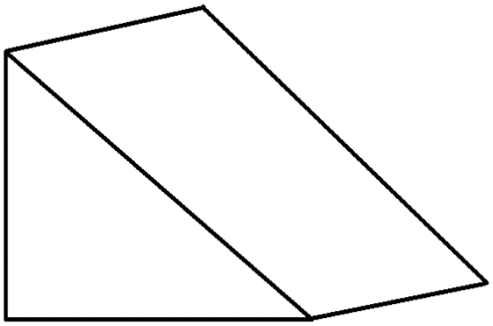

Figura XVIII: **r a m p a**

A rampa, neste projeto, foi o primeiro elemento a ser criado. A galeria tem uma espécie de vitrine antes de ter acesso à porta de entrada. Esta vitrine faz parte da identidade da galeria. Muitos artistas, ao expor na galeria, ocuparam esse ambiente como parte de suas exposições. Como me proponho a reconfigurar esse espaço com uma nova arquitetura, a primeira coisa que realizei foi tirar a funcionalidade da vitrine, assim como eu fiz com toda a parte de vidro da galeria. Durante o meu processo de criação, em algumas experimentações criei uma parede para a vitrine, mas o resultado não foi satisfatório, porque a parede deixou indícios de que ela ainda era uma vitrine, como se ela fosse apenas tapada. Assim, criei a rampa nesse espaço na tentativa de anular completamente sua funcionalidade. Do lado de dentro, quem vê a vitrine percebe que ela desaparece, não permitindo enxergar o lado de fora.

No momento em que criei a rampa, ou seja, um pedaço da parede que desce e que se inclina, eu altero a funcionalidade da parede; é uma parede em forma de rampa, tocando a tridimensionalidade com trabalhos expostos em cima. É como se fosse o lugar onde expus alguns trabalhos bidimensionais e agora fossem deslocados para o espaço com os mesmos trabalhos expostos.

e l e m e n t o (f)

O elemento **F**, **“bloco retangular”**; na arquitetura, o bloco retangular é a:

> [...] designação dada a um prisma cujas faces são paralelogramos. Um paralelepípedo tem seis faces, sendo que duas são idênticas e paralelas entre si. Os paralelepípedos podem ser retos ou oblíquos, consoantes as suas faces laterais sejam perpendiculares ou não à base. (CORONA e LEMOS, 1972, p.78).

Pode ser também: seis faces, sustentação, solidez, base, encosto, base de uma estrutura arquitetônica e caixa em forma de bloco.

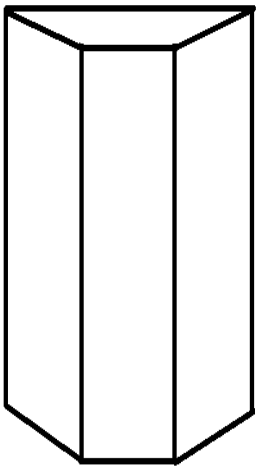

Figura XIX: **c u b o r e t a n g u l a r**

Este elemento foi o último a ser criado, pois tive dificuldade em definir que forma teria e o que queria com ele dentro da galeria. Portanto, decidi que seria um bloco retangular de seis faces, mas que, ao enxergar, percebemos apenas três das seis faces. A escolha por colocar este elemento num canto é para criar um pilar dentro da galeria, num espaço pouco valorizado dentro desse cubo branco. A alteração que faço nesse espaço com este elemento arquitetônico é diminuir o canto, trazendo para fora um bloco retangular que anula o canto original e cria outros dois na direita e na esquerda.

e l e m e n t o s (a), (b), (c), (d), (e) e (f) - o q u e m u d a n o e s p a ç o d a g a l e r i a

O conjunto de todos estes elementos arquitetônicos foi pensado para cada espaço da galeria. São elementos que aumentam e diminuem o seu espaço, partindo de sua arquitetura original. Assim, a galeria é reconfigurada por um novo espaço que crio, mas ela não perde sua funcionalidade. Com a nova arquitetura, o corpo do público é levado a locomover-se dentro do espaço a partir de possiblidades que são criadas. O conjunto de todos estes elementos e dos trabalhos da exposição muda a lógica interna da galeria, que operava na arquitetura primária. Com o meu projeto,

esse espaço perdeu suas características originais, como por exemplo: trocando a porta de entrada no espaço expositivo primário por uma parede que reparte a galeria na diagonal, deixando de fora no meu espaço de exposição um espaço que fazia parte da galeria original; anulando a vitrine; projetando uma nova arquitetura com degraus e pilar e teto rebaixado; expondo trabalhos de uma exposição que já esteve nesse espaço, mas agora a partir dessa arquitetura criada; mudando a relação do corpo dos visitantes com estes elementos arquitetônicos movidos por diferentes possibilidades de locomoção e permanência na galeria e mudando a percepção dos ângulos de visão para os trabalhos expostos, provocados por novos desafios para observar e se locomover, em vez daqueles dentro dos procedimentos canônicos do cubo branco.

Referências

BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-produção*: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Selo Martins. Tradução Denise Bottmann, 2009.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A.C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.

OLIVEIRA, Rogerio de Castro; RECENA, Maria Paula. *Práticas projetuais e práticas artísticas: representações, anotações, arquiteturas*. Arq.urb, nº 07, primeiro semestre de 2012. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_07/06_rogerio_castro.pdf>. Acesso em 20 ago. 2014.

O'DOHERTY, Brian. *No interior do cubo branco*: a ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.